

DO ISOLAMENTO SOCIAL À CONSTRUÇÃO PARTICIPADA DO ROTEIRO ORIGENS: AVALIAÇÃO DE IMPACTO DE UMA INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA, CULTURAL E TERRITORIAL

Ana da Silva

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
Centro de Investigação em Artes e Comunicação-Polo de Literacia Digital
e Inclusão Social

E-mail: ana.silva@ese.ipsantarem.pt

RESUMO:

Este artigo analisa a avaliação de impacto da iniciativa de inovação e empreendedorismo social 100 Memórias e Estórias (Operação n.º POISE-03-4639-FSE-000910), desenvolvida pela Santa Casa da Misericórdia de Alcanede entre 2022 e 2023, que culminou na construção participada de um roteiro de turismo cultural: o Roteiro Origens.

O estudo baseia-se num desenho multimétodo que articula a aplicação, em dois momentos, da escala UCLA-Loneliness para Idosos/as Portugueses/as com observação direta de oficinas e rotas, entrevistas não estruturadas, conversas informais, reunião com a equipa técnica e análise de conteúdo de materiais audiovisuais. Participaram 124 pessoas e foram obtidas 107 respostas à escala. Os resultados mostram uma redução da média de solidão de 37,9 para 20,7; a passagem de 78 participantes acima do ponto de corte crítico para apenas 3 no final; e a deslocação do último escalão da escala (40-64), que passa de 44 casos para nenhum. Nas cinco rotas observadas

registaram-se 568 presenças, e a evidência qualitativa sugere que a mudança ocorreu associada a processos de convívio, aprendizagem situada, participação intergeracional, valorização patrimonial e afirmação pública do território. Argumenta-se que o interesse do caso reside em mostrar como uma intervenção socioeducativa, cultural e territorial pode articular mitigação da solidão percebida, turismo cultural e desenvolvimento local.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação de impacto; solidão percebida; intervenção socioeducativa; turismo cultural; valorização territorial

ABSTRACT:

This article analyses the impact evaluation of the social innovation and entrepreneurship initiative *100 Memórias e Estórias* (Operation No. POISE-03-4639-FSE-000910), developed by Santa Casa da Misericórdia de Alcanede between 2022 and 2023, which culminated in the participatory construction of a cultural tourism route: *Roteiro Origens*. The study adopts a multimethod design combining two-wave administration of the Portuguese UCLA-Loneliness Scale for older adults with direct observation of workshops and routes, unstructured interviews, informal conversations, a meeting with the technical team, and content analysis of audiovisual materials. A total of 124 people took part in the initiative and 107 valid responses were obtained for the scale. Results show a decline in mean loneliness from 37.9 to 20.7; a reduction from 78 participants above the critical cut-off point to only 3 at the end; and the disappearance of the highest scale bracket (40-64), which fell from 44 cases to none. Across the five observed routes, 568 attendances were recorded. Qualitative evidence suggests that this change occurred alongside conviviality, situated learning, intergenerational participation, heritage valorisation, and the public affirmation of territory. The article argues that the case shows how a socio-educational, cultural, and territorial intervention may articulate the mitigation of perceived loneliness, cultural tourism, and local development.

KEYWORDS: impact evaluation; perceived loneliness; socio-educational intervention; cultural tourism; territorial valorisation

RESUMEN:

Este artículo analiza la evaluación de impacto de la iniciativa de innovación y emprendimiento social *100 Memórias e Estórias* (Operación n.º POISE-03-4639-FSE-000910), desarrollada por la Santa Casa da Misericórdia de Alcanede entre 2022 y 2023, que culminó en la construcción participativa de un itinerario de turismo cultural: el *Roteiro Origens*. El estudio se apoya en un diseño multimétodo que articula la aplicación, en dos momentos, de la escala UCLA-Loneliness para personas mayores portuguesas con observación directa de talleres y rutas, entrevistas no estructuradas, conversaciones informales, reunión con el equipo técnico y análisis de contenido de materiales audiovisuales. Participaron 124 personas y se obtuvieron 107 respuestas válidas a la escala. Los resultados muestran una reducción de la media de soledad de 37,9 a 20,7; el paso de 78 participantes por encima del punto de corte crítico a solo 3 al final; y la desaparición del último escalón de la escala (40-64), que pasa de 44 casos a ninguno. En las cinco rutas observadas se registraron 568 presencias. La evidencia cualitativa sugiere que esta evolución ocurrió asociada a procesos de convivencia, aprendizaje situado, participación intergeneracional, valorización patrimonial y afirmación pública del territorio. Se sostiene que el interés del caso reside en mostrar cómo una intervención socioeducativa, cultural y territorial puede articular mitigación de la soledad percibida, turismo cultural y desarrollo local.

PALABRAS CLAVE: evaluación de impacto; soledad percibida; intervención socioeducativa; turismo cultural; valorización territorial

Introdução

A Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social 100 Memórias e Estórias (100MeE), Operação n.º POISE-03-4639-FSE-000910, foi desenvolvida pela Santa Casa da Misericórdia de Alcanede entre 1 de fevereiro de 2022 e 30 de junho de 2023, com cofinanciamento do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego, Portugal 2020, União Europeia - Fundo Social Europeu. Dirigida a populações maioritariamente seniores e socialmente vulneráveis de freguesias de

Alcanede, a iniciativa procurou prevenir e mitigar situações de isolamento social através de uma metodologia participativa de intervenção socioeducativa e cultural, culminando na construção de oito rotas locais reunidas no Roteiro Origens (Silva, 2023, pp. 5-6).

O problema a que o projeto procurou responder era territorialmente enraizado e multidimensional. O relatório de avaliação identifica fragilização de redes familiares e de vizinhança, escassez ou difícil acessibilidade a espaços de convívio, desigualdades de género, restrições no acesso à cultura e à educação, abandono de coletividades e antigas escolas e insuficiência de transportes públicos em meio rural, com efeitos diretos em situações de abandono, desagregação social e sofrimento psíquico (Silva, 2023, pp. 5-6).

Em vez de uma resposta assistencialista ou meramente ocupacional, o projeto assentou numa lógica de capacitação e participação em que as pessoas beneficiárias foram envolvidas na recolha de memórias, na dinamização de oficinas e na conceção de percursos públicos de valorização patrimonial e territorial.

O projeto foi concebido para intervir sobre situações de isolamento social, mas a principal medida quantitativa mobilizada na avaliação incidiu sobre a perceção subjetiva de solidão, através da escala UCLA-Loneliness para Idosos/as Portugueses/as, adaptada por Pocinho et al. (2010, p. 74). Perkins et al. (2021, p. 2) recordam que *loneliness* e *social connectedness* surgem frequentemente tratadas como termos vizinhos ou mesmo intercambiáveis, embora designem planos analíticos diferentes.

No caso presente, o estudo documenta, em rigor, uma redução expressiva da solidão percebida em associação com um processo participado de convívio, aprendizagem situada, mediação patrimonial e produção cultural, e não uma medição exaustiva de todas as dimensões do isolamento social.

A literatura recente ajuda a compreender a relevância mais ampla desta articulação entre cultura, laços sociais e bem-estar. Com base no HEartS Survey, Perkins et al. (2021, pp. 1, 12) mostram que a maioria dos/as respondentes percebe a participação artística como associada a sentimentos de conexão social e que tais práticas podem contribuir, por múltiplas vias, para mitigar solidão emocional, social e existencial. Também Tymoszuk et al. (2020, pp. 1617-1618) sustentam, a partir de dados longitudinais com seniores, que políticas que facilitem o acesso continuado a equipamentos e atividades culturais podem favorecer vidas mais plenas e socialmente significativas. Sem transpor mecanicamente estes resultados para o meio rural português, eles reforçam a plausibilidade de ler o 100MeE como intervenção em que participação cultural, bem-estar e sociabilidade se entrelaçam.

A articulação com aprendizagem ao longo da vida é igualmente central. Na revisão de âmbito de Flauzino et al. (2022, pp. 1-2, 10-11), a educação de seniores é pensada no quadro integrado das modalidades formal, não formal e informal, sendo a não formal a que mais frequentemente estrutura atividades dirigidas a este público. Esta perspetiva é particularmente útil para interpretar o 100MeE, cujas oficinas combinavam competências práticas, partilha de saberes, escrita de memórias, uso de tecnologias, dramatização e organização e dinamização de rotas turísticas locais, situando-se claramente numa ecologia não formal de aprendizagem territorializada.

Outro eixo relevante é a intergeracionalidade. Webster et al. (2024, pp. 1-2) assinalam, na sua revisão sistemática, que programas intergeracionais tendem a produzir ganhos em coesão, bem-estar, envolvimento cognitivo e social, sobretudo quando as gerações participam como parceiras em condições de relativa reciprocidade. No caso do Roteiro Origens, a dimensão intergeracional não constitui apenas um efeito secundário ou acessório das rotas; é parte integrante do processo, na medida em que familiares, crianças, jovens, visitantes e entidades locais entram em relação com as populações participantes em torno de narrativas, objetos, lugares e memórias.

A literatura sobre aprendizagem comunitária e contextos de proximidade acrescenta outro elemento decisivo. No estudo de Den Haan et al. (2021, pp. 2-3, 7), o apoio entre pares, a informalidade do espaço comunitário e a proximidade territorial surgem como fatores que favorecem adesão, continuidade e sustentabilidade do processo de aprendizagem entre pessoas mais velhas. Embora o caso analisado por Den Haan et al. incida no uso de smartphones, o seu argumento ajuda a iluminar o 100MeE: também aqui o caráter próximo dos espaços, a mediação de técnicos/as conhecedores do território e a aprendizagem em grupo parecem ter sido condições importantes para a adesão e a continuidade da participação.

Finalmente, o caso convoca o campo do turismo cultural, mas obriga a recentrá-lo. Richards (2018, p. 12) observa que o turismo cultural se consolidou como um eixo maior da investigação contemporânea, cruzando património material e imaterial, consumos culturais e experiências situadas. O interesse do Roteiro Origens está precisamente em impedir uma leitura reduzida desse domínio: as rotas não são apenas um produto para visitantes, mas o resultado visível de um processo comunitário anterior, construído por pessoas que passam de destinatárias de intervenção a autoras de memória, mediação, apresentação pública do território e do próprio desenvolvimento territorial.

Este artigo tem, por isso, um objetivo delimitado: analisar os resultados da avaliação de impacto da IIES 100 Memórias e Estórias e discutir em que medida permitem compreender o Roteiro Origens como expressão de uma intervenção socioeducativa, cultural e territorial, com efeitos na mitigação da solidão percebida e na valorização social, cultural e territorial das comunidades envolvidas. Não se pretende aqui desenvolver uma agenda prospetiva sobre continuidade tecnológica ou novos modelos formativos. O foco permanece na evidência empírica produzida pela avaliação e no seu significado científico.

Metodologia

O artigo baseia-se no Relatório de Avaliação de Impacto da IIES 100 Memórias e Estórias, apresentado em julho de 2023, do qual a autora do presente artigo é igualmente autora (Silva, 2023). O texto que aqui se apresenta não é mera transposição do relatório técnico para formato académico; constitui uma reanálise orientada por uma pergunta científica mais circunscrita: de que modo a avaliação disponível permite compreender a relação entre mitigação da solidão percebida, participação comunitária, valorização territorial e turismo cultural no contexto do projeto?

Na perspetiva do desenho de investigação, trata-se de um estudo de caso avaliativo com abordagem multimétodo, combinando dados quantitativos e qualitativos. A componente quantitativa assenta na aplicação, em dois momentos, da Escala UCLA-Loneliness para Idosos/as Portugueses/as, na versão de 16 itens, com pontuação mínima de 16, máxima de 64 e ponto de corte de 32 para sinalização de sentimentos negativos de solidão, segundo a adaptação portuguesa de Pocinho et al. (2010, p. 74). A escala foi administrada à entrada no projeto, entre março e setembro de 2022, e novamente no final, entre maio e junho de 2023 (Silva, 2023, pp. 8-10, 11-15).

O recurso a este instrumento permitiu captar variações na perceção subjetiva de solidão ao longo da intervenção, mas não autoriza, por si só, uma leitura exaustiva do isolamento social enquanto fenómeno relacional, territorial e estruturalmente complexo. Como alertam Perkins et al. (2021, p. 2), a proximidade entre conceitos como *loneliness*, *social connectedness* e *social isolation* tem frequentemente produzido deslizamentos analíticos. Assumir essa limitação é fundamental para evitar uma inflação indevida das conclusões. O presente estudo mobiliza a escala como indicador importante, mas não exclusivo, da mudança observada.

Importa ainda assinalar que a aplicação da escala ocorreu em condições que recomendam prudência interpretativa. De acordo com o relatório e com a reunião realizada com a equipa técnica, uma parte significativa da população-alvo apresentava baixo nível de literacia e

dificuldades de compreensão de algumas formulações do instrumento, o que levou os/as técnicos/as a preencherem frequentemente o questionário e, em vários casos, a simplificarem ou explicarem itens considerados semanticamente opacos ou demasiado carregados, como “íntimo”, “infeliz”, “abandonado”, “completamente só” ou “posta à margem” (Silva, 2023, pp. 9-10, 15). O próprio relatório admite, por isso, que a UCLA poderá não ter sido o instrumento mais ajustado a esta população e acrescenta reservas quanto à sua adequação a participantes com doença mental, cuja situação clínica não era conhecida em detalhe (Silva, 2023, p. 15).

A componente qualitativa teve um papel decisivo na densificação interpretativa do estudo. Incluiu observação direta, realizada pela investigadora, de duas oficinas em 19 de julho de 2022; observação direta com registo audiovisual de cinco das oito rotas do Roteiro Origens, realizadas entre maio e junho de 2023; trinta e três entrevistas não estruturadas a beneficiários/as, familiares, representantes de entidades investidoras sociais e entidades parceiras; conversas informais com participantes e visitantes durante os percursos; uma reunião com os quatro elementos da equipa técnica que intervieram diretamente no terreno; e análise de conteúdo de materiais audiovisuais produzidos a partir das rotas e dos seus contextos patrimoniais (Silva, 2023, pp. 9-10, 16-25). A aplicação final da escala foi realizada presencialmente a 59 participantes e por telefone a 48, o que ajuda a compreender a amplitude do esforço de recolha (Silva, 2023, p. 9).

As entrevistas incidiram sobre cinco tópicos: natureza das oficinas frequentadas e respetiva assiduidade; atividades e tarefas concretas desenvolvidas; atividades que mais corresponderam aos interesses e necessidades dos/as participantes; principais pontos fortes e fracos do projeto; e perspetivas quanto à sua eventual continuação (Silva, 2023, p. 10). O corpus qualitativo resultante não foi tratado como amostra estatisticamente representativa, mas como material interpretativo orientado para compreender a experiência vivida, as dinâmicas relacionais e a apropriação social da iniciativa.

Este desenho metodológico apresenta forças e limites. Entre as primeiras, contam-se a triangulação de métodos, a observação direta de atividades nucleares do projeto, a combinação entre dados de entrada e saída no instrumento quantitativo e a possibilidade de articular resultados mensuráveis com evidência qualitativa situada. Entre os segundos, importa destacar a inexistência de grupo de comparação, a ausência de várias variáveis sociodemográficas potencialmente relevantes - designadamente idade detalhada de toda a população estudada e caracterização clínica fina -, a mediação técnica na aplicação da escala e o facto de a análise incidir sobre um único caso, territorialmente muito específico (Silva, 2023, pp. 11, 15).

Estas limitações aconselham prudência semelhante à defendida por Tymoszuk et al. (2020, pp. 1616-1617) ao discutirem estudos observacionais sobre participação cultural e bem-estar: resultados promissores não devem ser automaticamente lidos como prova de causalidade forte. O presente artigo segue essa linha de cautela. O que propõe é uma análise empiricamente sustentada de um caso revelador, capaz de iluminar relações plausíveis entre participação comunitária, convívio, mediação patrimonial, turismo cultural e redução da solidão percebida em contexto rural.

Resultados

A IIES 100 Memórias e Estórias envolveu 124 participantes, correspondendo a 104 mulheres e 20 homens, distribuídos por oito freguesias. Para a componente quantitativa da avaliação foram obtidas 107 respostas nos dois momentos de aplicação da Escala UCLA-Loneliness para Idosos/as Portugueses/as, das quais 91 respeitam a mulheres e 16 a homens (Silva, 2023, pp. 11-12). As taxas de resposta variaram entre 72,7% na Gançaria e 100% em Valverde, o que mostra simultaneamente a amplitude da recolha e a desigual implantação do projeto nos vários territórios (Silva, 2023, p. 12).

Em termos globais, observou-se uma redução muito expressiva da média de solidão percebida, que passou de 37,9 na entrada do projeto para 20,7 no momento final. Todas/os as/os participantes

avaliadas/os apresentaram evolução positiva na escala entre os dois momentos (Silva, 2023, pp. 14-15).

Tomando como referência o ponto de corte de 32 proposto na adaptação portuguesa da escala, a meta contratualizada foi largamente superada: das/os 78 participantes inicialmente posicionadas/os nos dois escalões de maior ou menor solidão, apenas 3 permaneceram acima desse limiar no final, o que corresponde a um grau de concretização de 96,2% (Pocinho et al., 2010, p. 74; Silva, 2023, pp. 14-15, 26).

A distribuição dos resultados pela escala UCLA também se alterou de forma muito expressiva. Como, nesta escala, valores mais elevados correspondem a maior solidão percebida e valores mais baixos a menor solidão, a evolução observada torna-se particularmente significativa: no início do projeto, 44 participantes situavam-se no escalão mais elevado de solidão (40-64 pontos), ao passo que, no final, já não havia nenhum caso nesse intervalo. Em sentido inverso, o escalão mais baixo da escala (16-20 pontos), que à entrada não incluía qualquer participante, passou a concentrar 59 casos no final da intervenção (Silva, 2023, p. 15). A melhoria é igualmente visível no extremo inferior da escala: se, no início, o melhor resultado observado era 21 pontos, no final 27 participantes atingiam já o valor mínimo possível, 16 pontos, correspondente à situação de menor solidão medida pelo instrumento (Silva, 2023, pp. 14-15).

A desagregação dos dados permite identificar diferenças territoriais e sociais relevantes. Vale da Trave foi a freguesia que registou a melhoria mais acentuada, partindo também do cenário inicial mais desfavorável, com média de 43,9. Pé da Pedreira manteve-se como a freguesia com valores mais baixos de solidão percebida. Valverde, pelo contrário, passou a apresentar a média final mais elevada entre as freguesias observada (25,9), apesar da melhoria registada (Silva, 2023, p. 13). Em termos de género, as mulheres apresentavam, no início, uma média substancialmente superior à dos homens (39,3 contra 29,7), tendo também registado uma melhoria mais intensa (18,3 pontos contra

10,7). O diferencial inicial de quase dez pontos ficou reduzido, no final, a menos de dois (Silva, 2023, p. 13). O caso extremo reforça a tendência geral: a participante com pontuação inicial mais elevada, 63, melhorou 45 pontos, ficando apenas a dois pontos do mínimo da escala (Silva, 2023, p. 14).

O relatório assinala ainda que havia 15 casos de não idosos para os quais se recolheram informações tipológicas adicionais, observando-se, também nesse subgrupo, melhorias muito significativas. Contudo, dada a disponibilidade limitada das variáveis sociodemográficas e a forma como estes dados foram agregados, esta leitura deve ser considerada exploratória e não conclusiva (Silva, 2023, pp. 11, 13-14).

Estes resultados quantitativos devem, porém, ser lidos à luz das limitações do próprio processo de medição. A reunião com a equipa técnica mostrou que a aplicação da escala foi dificultada pelo baixo nível de literacia de parte substancial da população-alvo e pela opacidade semântica ou carga afetiva de alguns itens. Em vários casos, os/as técnicos/as tiveram de simplificar, interpretar ou explicar as perguntas. O relatório reconhece explicitamente que a UCLA poderá não ter sido o instrumento mais ajustado para esta população e acrescenta reservas quanto à sua adequação a participantes com doença mental, cuja situação clínica não era conhecida em detalhe (Silva, 2023, p. 15). Por isso, os resultados quantitativos devem ser entendidos como indicadores muito significativos de tendência, e não como medida absolutamente transparente ou isenta de mediação técnica.

A evidência qualitativa permite compreender melhor o sentido social e educativo desta mudança. As entrevistas não estruturadas, as conversas informais e a observação direta mostram que as oficinas foram vividas como espaços simultaneamente formativos, conviviais e culturalmente criativos. As atividades mais referidas pelas/os participantes incluem “os computadores”, a recolha e escrita de memórias, a preparação de lanches, os ensaios das recriações teatrais, a preparação das

rotas, a recuperação de espaços e a organização de exposições (Silva, 2023, pp. 16-17). Mais do que ocupação do tempo livre, estas práticas configuraram processos de animação sociocultural, aprendizagem situada, partilha de saberes e participação pública. Esta dimensão é coerente com o quadro descrito por Flauzino et al. (2022, pp. 9-11), segundo o qual as práticas de aprendizagem ao longo da vida dirigidas a pessoas adultas mais velhas se tornam mais relevantes quando articulam desenvolvimento pessoal, inclusão social e participação significativa.

O convívio foi identificado unanimemente como principal ponto forte do projeto, mas o relatório mostra que essa categoria se desdobra em escalas concretas: convívio entre pessoas da mesma aldeia; entre aldeias diferentes; entre participantes e equipa técnica; entre participantes e familiares; e entre participantes e visitantes durante as rotas (Silva, 2023, pp. 17-18). Três beneficiárias referiram explicitamente que havia pessoas antes isoladas ou deprimidas que passaram a sair de casa e a conviver graças ao projeto. Um quarto das pessoas entrevistadas destacou, com forte carga emocional, a possibilidade de contribuir para a divulgação do seu território, sinal claro de orgulho e autoestima territorial; outras sublinharam a descoberta de lugares da própria freguesia ou de freguesias vizinhas cuja existência desconheciam (Silva, 2023, pp. 17-18). A totalidade dos/as beneficiários/as defendeu a continuação do projeto, o que pode ser lido como indicador de apropriação social da iniciativa.

Os dados sobre as rotas reforçam a leitura do projeto como intervenção territorialmente mobilizadora. Nas cinco rotas observadas registaram-se 84 participantes em Alcanede, 75 em Mata do Rei, 65 em Pé da Pedreira, 139 em Vale da Trave e 205 em Valverde, perfazendo 568 presenças no conjunto das observações. Nas quatro rotas observadas para as quais o relatório discrimina a caminhada, participaram 246 pessoas a pé, repartidas de forma praticamente simétrica entre 122 visitantes/turistas e 124 beneficiários/as (Silva, 2023, p. 21).

Este dado é particularmente importante, porque mostra que a valorização do território não foi apenas encenada para observadores externos: fez-se numa copresença entre comunidades locais e visitantes, em que as pessoas beneficiárias acolheram os/as visitantes/turistas, conduziram os percursos, explicaram lugares, objetos e memórias, e assumiram funções de representação e mediação patrimonial.

No filme da rota Da Pedra à Tradição, em Pé da Pedreira, torna-se visível uma metodologia de intervenção sociocultural e educação comunitária em que os/as beneficiários/as desempenham funções de guias turísticos/as, apresentam objetos de interesse histórico-cultural, contam histórias de vida ligadas à identidade local, organizam refeições comunitárias e dão visibilidade aos produtos criados nas oficinas (Silva, 2023, pp. 22-23). A rota inclui lugares como as Pedreiras da Lomba, as Cisternas, o Monumento Natural das Pegadas de Dinossauros de Vale de Meios, o Sítio do Forno de Cal com exposição de tipos de pedra e esculturas, o Núcleo museológico Casa do Camilo com concerto de acordeão e a antiga escola primária recuperada, onde foram organizadas exposições etnográficas sobre ofícios tradicionais e Marchas Populares (Silva, 2023, pp. 22-23). O filme evidencia ainda a participação de jovens familiares na dinamização turística e a logística montada para incluir pessoas com maiores dificuldades de mobilidade, o que reforça simultaneamente a dimensão intergeracional e a preocupação inclusiva da iniciativa.

Na rota Saberes e Sabores do Vale, em Vale da Trave, o património cultural e natural surge articulado de forma particularmente densa. O percurso integrou a Capela de São Caetano, o moinho e a lagoa, o Centro Comunitário com representação teatral de uma aula de 15 de março de 1962, o Palheiro da Carroça, o Beco da Portelinha com memórias sobre a dureza da vida no campo, a Casa da Caldeira onde se fabricava aguardente de medronho, o Algar da Aderneira e o Centro Cultural e Recreativo com mostra de produtos das oficinas (Silva, 2023, pp. 23-24). O filme dá também grande relevo ao património natural da freguesia, com provas de chás, ervas da Ervanária Américo Duarte Paixão e apresentação de espécies aromáticas, medicinais e condimentares como

rosmaninho, perpétuas roxas, tília, carqueja, folha de oliveira e orégãos, ao mesmo tempo que dá visibilidade ao comércio e às indústrias locais (Silva, 2023, pp. 23-24).

Os filmes complementares Cabouqueiros de Pé da Pedreira e Flora do Ribatejo - por caminhos de Alcanede aprofundam esta leitura da valorização territorial. O primeiro documenta saberes e saberes-fazer ligados ao ofício de cabouqueiro, terminologia popular, utensílios de trabalho, dificuldades históricas da profissão, características do solo e práticas de cooperação e reaproveitamento de resíduos entre pedreiras, abrindo inclusivamente uma dimensão de sustentabilidade ambiental e conhecimento técnico-científico local (Silva, 2023, pp. 24-25). O segundo apresenta 62 flores e plantas da região e mostra como o património natural se cruza com práticas de gastronomia, terapêutica caseira, aromaterapia e perfumaria, sublinhando a diversidade etnobotânica do território e o seu potencial de aprofundamento futuro (Silva, 2023, p. 25). Em conjunto, estes materiais mostram que a valorização do território não se limitou a uma narrativa celebratória: mobilizou património material, imaterial, industrial, etnográfico e natural, convertendo-o em recurso educativo e cultural publicamente partilhável.

Outros filmes realizados posteriormente à elaboração do relatório de avaliação de impacto permitem alargar esta perspetiva de forma muito concreta: [INSERIR LINKS](#)

Discussão e conclusão

Os resultados obtidos permitem sustentar que a IIES 100 Memórias e Estórias se associou a uma redução muito expressiva da solidão percebida entre as pessoas avaliadas e, simultaneamente, a processos socioeducativos e de participação comunitária, criação e fruição cultural e valorização territorial, que ultrapassam claramente uma leitura centrada apenas na eficácia psicométrica.

A contribuição científica do caso não reside apenas no facto de a média da UCLA ter descido de 37,9 para 20,7, embora esse dado seja relevante. Reside também em mostrar que tal evolução

ocorreu num contexto em que oficinas, rotas, encontros e atividades partilhadas funcionaram como dispositivos de convívio, aprendizagem situada, reconhecimento mútuo e reconstrução pública de vínculos com o território.

Este ponto aproxima o caso do quadro delineado por Perkins et al. (2021, pp. 1, 12), segundo o qual a participação cultural pode favorecer a conexão social por múltiplos caminhos: oportunidades sociais, partilha, pertença e compreensão coletiva. O 100MeE confirma, em escala localizada e com outra configuração metodológica, que a cultura pode operar como meio de recomposição relacional. Mas acrescenta algo que o HEartS Survey, pela sua natureza, não podia mostrar com a mesma nitidez: a conexão social não emerge apenas do consumo cultural; pode emergir de processos coletivos de criação, organização, narração e mediação territorial.

É aqui que o Roteiro Origens ganha espessura analítica. Lê-lo apenas como produto turístico final seria empobrecê-lo. As rotas constituem, sem dúvida, um resultado visível e potencialmente estruturável como oferta de turismo cultural de base comunitária; mas, do ponto de vista científico, interessam sobretudo enquanto cristalização pública de um processo anterior e mais profundo, em que pessoas frequentemente colocadas na posição de destinatárias passivas de intervenção passaram a produzir memória, discurso, organização e formas públicas de presença. Neste sentido, a observação de Richards (2018, p. 12) sobre a centralidade crescente do turismo cultural ajuda a situar o caso, mas não a esgota: o 100MeE mostra que, em determinados contextos, o valor científico e social do turismo cultural depende do processo comunitário que o antecede.

A leitura do caso no quadro da aprendizagem ao longo da vida reforça esta interpretação. Flauzino et al. (2022, pp. 9-11) concluem que as propostas dirigidas a pessoas mais velhas tendem a concentrar-se na aprendizagem não formal e que a integração entre modalidades formais, não formais e informais continua insuficientemente explorada. O 100MeE confirma a centralidade do não formal, mas mostra também como as fronteiras entre modalidades se tornam porosas em

contextos comunitários: as aprendizagens ocorrem nas oficinas, nas conversas, na escrita de memórias, na preparação dos percursos, no contacto com visitantes e na própria circulação entre aldeias. É justamente essa mistura de dimensões que parece conferir densidade social à intervenção.

A dimensão intergeracional merece igualmente destaque. Webster et al. (2024, pp. 1-2, 12-15) mostram que programas intergeracionais tendem a ser mais fecundos quando criam condições de reciprocidade, relação significativa e preparação adequada de participantes e facilitadores. No 100MeE, a intergeracionalidade não foi o eixo formal de todo o desenho, mas tornou-se componente efetiva do processo: netos/as, filhos/as, jovens visitantes, entidades e grupos locais entraram em diálogo com as pessoas participantes, não apenas como público, mas como parte de uma ecologia de cocriação, transmissão e reconhecimento. O caso sugere, portanto, que iniciativas centradas em memória e território podem funcionar como plataformas intergeracionais particularmente férteis, mesmo quando não se apresentam sob esse rótulo de origem.

Também a importância dos espaços de proximidade e da aprendizagem entre pares se tornou evidente. Den Haan et al. (2021, pp. 2-3, 7) insistem que a adesão de pessoas mais velhas a processos de aprendizagem é favorecida quando existe apoio informal, proximidade espacial, ritmo ajustado e possibilidade de os próprios participantes se ajudarem mutuamente. Embora o objeto estudado por estes autores seja tecnológico, o argumento ecoa no caso português: a continuidade do 100MeE parece ter dependido menos de dispositivos sofisticados do que da criação de ambientes sociais confiáveis, localizados e regulares, onde as pessoas se reconheciam e se sentiam autorizadas a aprender, experimentar e participar.

A comparação com Tymoszuk et al. (2020, pp. 1613, 1617-1618) também é instrutiva. Esses autores encontraram associações entre envolvimento continuado com museus, galerias, concertos e outras práticas culturais e dimensões de bem-estar como autorrealização, controlo/autonomia e

satisfação com a vida. O 100MeE não mediu essas dimensões com o mesmo instrumento, mas a evidência qualitativa permite identificar elementos análogos: orgulho territorial, sentimento de utilidade, prazer em mostrar o que se sabe, reencontro com lugares significativos e reconhecimento público do contributo de pessoas muitas vezes socialmente invisibilizadas. Em vez de consumo cultural recetivo, o caso português mostra o potencial de uma participação cultural produtiva e partilhada.

Importa, contudo, conter o entusiasmo interpretativo dentro dos limites metodológicos do estudo. O desenho avaliativo não inclui grupo de comparação, a aplicação do principal instrumento quantitativo foi frequentemente mediada por técnicos/as, várias perguntas da escala suscitaram dificuldades semânticas relevantes, e a investigadora não teve acesso a todas as variáveis sociodemográficas e clínicas que poderiam permitir análises mais finas. Acresce que se trata de um caso único, territorialmente muito específico, o que aconselha prudência na extrapolação dos resultados para outros contextos (Silva, 2023, pp. 11, 15).

Nestas condições, não seria rigoroso afirmar causalidade forte em termos absolutos. O que os dados permitem defender, com segurança, é que a intervenção se mostrou compatível com uma redução muito acentuada da solidão percebida e que essa evolução ocorreu em associação com práticas intensas de convívio, participação e mediação cultural observadas qualitativamente. A posição adotada aproxima-se da prudência metodológica defendida por Tymoszuk et al. (2020, pp. 1616-1617): resultados promissores, sobretudo em estudos observacionais e contextuais, devem ser interpretados como relações empiricamente sustentadas e plausíveis, não como demonstrações fechadas de causalidade.

Em conclusão, a IIES 100 Memórias e Estórias constitui um caso relevante de intervenção socioeducativa, cultural e territorial em que a mitigação da solidão percebida surge articulada com convívio, aprendizagem ao longo da vida, valorização patrimonial, intergeracionalidade e

reapropriação coletiva do território. O Roteiro Origens deve, por isso, ser entendido não apenas como eventual produto turístico emergente, mas sobretudo como expressão visível de um processo de educação comunitária territorialmente situada, em que pessoas frequentemente colocadas na posição de destinatárias passivas de intervenção assumiram funções de recolha, narração, orientação de percursos turísticos, mediação e apresentação pública da memória e do património local. O estudo mostra, assim, que iniciativas desta natureza podem produzir efeitos socialmente significativos quando se organizam a partir das relações, dos saberes e dos lugares concretos das comunidades envolvidas.

Ao mesmo tempo, os dados recolhidos sugerem que a continuidade de intervenções deste tipo não deve ser pensada apenas em termos de repetição do modelo já experimentado, mas também em termos de atualização das condições de mediação, organização e circulação pública dos materiais produzidos. Esta observação decorre menos de uma agenda externa ao caso do que de elementos internos à própria avaliação: a oficina de digitalização foi uma das dimensões mais frágeis do projeto, e o trabalho tecnológico desenvolvido ficou aquém do potencial revelado pelas comunidades na recolha de memórias, na organização de conteúdos e na construção de percursos de mediação patrimonial. Sem deslocar o foco empírico deste artigo, estes elementos permitem sustentar que uma eventual continuação da intervenção poderá beneficiar do diálogo com a literatura recente sobre literacia em IA na educação de pessoas adultas, a qual tem salientado simultaneamente a necessidade de maior clarificação conceptual do campo e a escassez de propostas especificamente orientadas para públicos adultos e contextos não técnicos (Laupichler et al., 2022; Storey & Wagner, 2024).

Não se trata de sugerir que a tecnologia digital constitui, por si só, resposta para problemas de isolamento, fragilidade relacional ou desigualdade territorial. O que os resultados permitem entrever é algo mais delimitado: projetos comunitários centrados em memória, património e participação pública podem vir a exigir, na sua continuidade, novos dispositivos de formação que

ajudem a tratar, organizar, tornar acessível e divulgar melhor os materiais produzidos e a planificar os percursos turísticos, sem perder o enraizamento local nem a autoridade narrativa das comunidades sobre aquilo que lhes pertence. Nesse sentido, a literatura recente sobre literacia em IA na educação de pessoas adultas merece ser convocada não como desvio temático, mas como horizonte de aprofundamento possível para futuras fases de trabalho, sobretudo quando insiste na importância de percursos acessíveis, eticamente refletidos e ajustados a populações adultas frequentemente afastadas das ofertas tecnológicas mais recentes (Laupichler et al., 2022; Storey & Wagner, 2024).

Permanece, portanto, uma dupla conclusão. Por um lado, este artigo confirma a relevância científica e social de intervenções socioeducativas e comunitárias que articulam participação, património, convívio e aprendizagem situada em meio rural. Por outro, deixa aberta uma linha de desenvolvimento que não cabe aprofundar aqui, mas que se impõe como questão futura: a de saber em que condições a continuidade de projetos desta natureza poderá integrar, de forma crítica, gradual e territorialmente situada, novas competências de mediação digital e de literacia em IA, sem sacrificar aquilo que constitui a sua força principal - o trabalho feito com as pessoas, a partir dos seus saberes, dos seus lugares e das suas formas próprias de construir pertença a um território e presença pública.

Links dos filmes citados

Da Pedra à Tradição. Pé da Pedreira. Roteiro Origens

<https://youtu.be/QZF2nUwyJ-U?si=VD4MHiUFX1ufq8uz>

A minha infância conta estórias. Xartinho e Mata do Rei

<https://www.youtube.com/watch?v=lK5qnVlNWJ0>

A Natureza Entre Nós – Valverde

<https://youtu.be/-TaXTlOzZTQ?si=-VmdVWnR319hXAaD>

Cabouqueiros. Roteiro Origens. Pé da Pedreira

<https://www.youtube.com/watch?v=7Eh1pZwPfYo>

Flora do Ribatejo - por caminhos de Alcanede

<https://youtu.be/pPN2FWO8bFw?si=OkUpXmGq97D0R59H>

Referências

Da Silva, A. (2023). Relatório de avaliação de impacto da Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social 100 Memórias e Estórias (100MeE): Operação n.º POISE-03-4639-FSE-000910 [Relatório de avaliação não publicado]. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Den Haan, M., Brankaert, R., Kenning, G., & Lu, Y. (2021). Creating a social learning environment for and by older adults in the use and adoption of smartphone technology to age in place. *Frontiers in Public Health*, 9, Article 568822. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.568822>

Dias, N., & Palma, G. (2001). Dar rosto à intervenção: Os animadores de desenvolvimento local. Associação In Loco.

Flauzino, K. de L., Gil, H. M. P. T., Batistoni, S. S. T., Costa, M. O., & Cachioni, M. (2022). Lifelong learning activities for older adults: A scoping review. *Educational Gerontology*, 48(1), 1-14. <https://doi.org/10.1080/03601277.2022.2052507>

Laupichler, M. C., Aster, A., Schirch, J., & Raupach, T. (2022). Artificial intelligence literacy in higher and adult education: A scoping literature review. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, 3, 100101. <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2022.100101>

Perkins, R., Mason-Bertrand, A., Fancourt, D., Baxter, L., & Williamon, A. (2021). Arts engagement supports social connectedness in adulthood: Findings from the HEartS Survey. *BMC Public Health*, 21, Article 1208. <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11233-6>

Pocinho, M., Farate, C., & Dias, C. A. (2010). Validação psicométrica da escala UCLA-Loneliness para idosos portugueses. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, 18, 65-77.

Richards, G. (2018). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12-21. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>

Storey, V. A., & Wagner, A. (2024). Integrating artificial intelligence (AI) into adult education: Opportunities, challenges, and future directions. *International Journal of Adult Education and Technology*, 15(1), 1-15. <https://doi.org/10.4018/IJAET.345921>

Tymoszuk, U., Perkins, R., Spiro, N., Williamon, A., & Fancourt, D. (2020). Longitudinal associations between short-term, repeated, and sustained arts engagement and well-being outcomes in older adults. *The Journals of Gerontology: Series B*, 75(7), 1609-1619. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbz085>

Webster, M., Norwood, K., Waterworth, J., & Leavey, G. (2024). Effectiveness of intergenerational exchange programs between adolescents and older adults: A systematic review. *Journal of Intergenerational Relationships*, 22(4), 603-644. <https://doi.org/10.1080/15350770.2023.2267532>

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Da Silva, A. (2026), Do isolamento social à construção participada do roteiro origens: avaliação de impacto de uma intervenção socioeducativa, cultural e territorial. En: <http://quadersanimacio.net> n° 44, Julio 2026; ISSN: 1698-4404